

A INFLUÊNCIA DA MÍDIA NO DISCURSO DE VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA URBANA EM FORTALEZA-CEARÁ-BRASIL

Ana Cristina Pelosi¹

Heloísa Pedroso de Moraes Feltes²

Lynne Cameron³

RESUMO

Este artigo apresenta, sob a ótica da análise do discurso à luz da metáfora, resultados parciais de análises sobre a influência que a mídia parece exercer sobre as falas de vítimas de violência urbana em Fortaleza-Ceará-Brasil. Entendemos a metáfora como emergência dinâmica complexa, capaz de expressar sentimentos, valores, crenças e atitudes dos participantes ao relatarem como suas rotinas têm mudado em vista do prevaente estado de violência. Nessa ótica, analisamos a recorrência de veículos metafóricos e metonímicos presentes em alguns excertos do *corpus* que nos permitem propor a emergência da metáfora sistemática *VIOLÊNCIA É UM PRODUTO MANUFATURADO PELA MÍDIA*.

Palavras-Chave: discurso, metáfora, violência.

1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é tecer algumas considerações a respeito da influência que a Mídia parece exercer no discurso de vítimas de violência, as quais participaram como voluntárias, de conversas informais em dois grupos focais nos quais discutiram a respeito dos altos índices de violência no Brasil, em particular, sobre a situação instaurada pelo estado de violência urbana em Fortaleza-Ceará-Brasil. Com tal intuito em mente, apresentamos aqui, os pressupostos teórico-metodológicos que guiaram as análises qualitativas empreendidas a partir dos dados colhidos e uma amostra de tais análises⁴. A pesquisa que deu origem ao trabalho é fruto de uma cooperação internacional entre Brasil e Inglaterra que objetivou

investigar crenças, atitudes e valores relativos a sentimentos de (in)segurança expressos por meio da linguagem figurada de vítimas diretas e indiretas de violência urbana.

Adotamos como base teórica e metodológica os pressupostos a respeito da metáfora promovidos por Larsen-Freeman e Cameron (2008), Cameron et al. (2009), Cameron e Maslen (2010), que consideram a metáfora uma emergência complexa a partir das falas e negociações de sentido instauradas em situações de interações verbais. Além de tais autores, nosso trabalho pauta-se também, pela Teoria da Metáfora Conceptual (TMC) (LAKOFF; JOHNSON 1980; 1999).

Na sequência, dissertamos sobre a natureza dinâmica e complexa da metáfora, em seguida contextualizamos a pesquisa, depois expomos o método utilizado nas análises, em seguida, uma amostra de tais análises, assim como as metáforas sistemáticas que emergem das falas dos participantes, buscando discutir os efeitos comunicativos da mídia sobre seus discursos. Finalmente, tecemos algumas conclusões e elencamos as referências.

2 A METÁFORA COMO UMA EMERGÊNCIA DINÂMICA E COMPLEXA

Pela ótica de Larsen-Freeman e Cameron (2008), a linguagem de um modo geral e, especificamente, a metafórica pode ser mais bem entendida se compreendida como um sistema complexo cujas emergências decorrem de uma série de fatores (agentes), internos e externos ao sistema, que compõem o contexto da interação. Ou seja, os aspectos biopsicosociais e cognitivos que se acoplam por ocasião da interação, tais como crenças, valores e atitudes compartilhadas socioculturalmente, as histórias de vida dos indivíduos que participam da discussão, seus estados afetivos, aspectos corpóreos, entre outros, interagem dinamicamente e é a partir deles que metáforas multimodais, ou seja, que podem ser expressas por traços prosódicos, linguagem verbal e não verbal (gestos, linguagem corporal), além de aspectos psicológicos, afetivos e cognitivos, emergem. Dessa forma, a linguagem de um modo geral, assim como a linguagem figurada, é pensada como algo complexo, que é de certa forma, sempre um fenômeno inacabado que emergirá *ad hoc* a partir do entrelaçamento de inúmeros agentes situados de forma ecológica, histórica e socioculturalmente.

Nessa perspectiva, podemos, igualmente, pensar o discurso como algo

dinâmico, moldado a partir dos constrangimentos e perspectivas abertas aos participantes da interação discursiva. Um subsistema aninhado a outros sistemas – a sociedade, a cultura, a história, a língua(gem) compartilhadas por uma dada população. O discurso pode, assim, ser pensado como algo dinâmico que decorre de muitos fatores tais como os já elencados no parágrafo anterior.

A linguagem (figurada e não figurada) emergente no discurso decorre de interações complexas e dinâmicas no seio de uma sociedade à medida que esses vários subsistemas se acoplam e interagem.

A metáfora é, assim, uma emergência ao mesmo tempo, cognitiva, linguística, afetiva e sociocultural. É para cada um desses aspectos que nos voltamos nos parágrafos seguintes.

Embora tomemos a metáfora, notadamente, como emergência do discurso, uma vez que sua constituição decorre de fatores que regem a situação discursiva, à medida que os participantes veiculam ideias e negociam sentidos durante a interação, acreditamos serem as metáforas sistemáticas⁵, constituídas a partir de uma visão integrada que entende a dinâmica discursiva como acontecendo numa via de mão dupla. Ou seja, da cognição para o discurso e do discurso para a cognição, sem que haja necessariamente, precedência de um percurso sobre o outro. A emergência da metáfora é, assim, pautada tanto pelo conhecimento acumulado pelo indivíduo ao longo da vida; suas possibilidades corpóreas (*affordances*)⁶, que lhe possibilitam conhecer a realidade por meio da interação com o meio circundante, pelas informações advindas do contexto histórico e sociocultural ao qual pertence; e pelos constrangimentos impostos pelo evento discursivo⁷ no qual os participantes tentam, num processo dinâmico de falar-pensar, expor ideias e negociar sentidos.

Tradicionalmente, as metáforas linguísticas têm sido pensadas como se referindo a expressões linguísticas licenciadas por mapeamentos (conceitos) metafóricos estruturados a partir de domínios de naturezas diversas – um domínio fonte que serve de base para a formulação do conceito mais abstrato (o conceito metafórico), o qual é mapeado em um domínio alvo. (LAKOFF; JOHNSON, 1980). Assim, quando ouvimos ou falamos expressões tais como: “nosso relacionamento está decolando”; ou, “chegamos ao fim da linha”, o fazemos porque na nossa cultura o amor é, entre outras coisas, conceptualizado como viagem. Assim, seria a metáfora (ou conceito metafórico) AMOR É VIAGEM que licenciaria tais expressões. Por outro lado, o conceito de VIAGEM estaria ainda pautado em um nível

experencial mais baixo envolvendo o esquema imageticocinestésico de PERCURSO, entendido em termos de origem-trajetória-meta. (LAKOFF; JOHNSON, 1999).

Embora, eceitemos a plausibilidade de tal visão, acreditamos, por outro lado, que tais mapeamentos não sejam rígidos, pré-dados, prontos para serem meramente acessados, uma espécie de fórmula pré-linguística que congregue mapeamentos entre domínios experienciais. Em linha com Cameron (2007), asseveramos que, embora traços experienciais internalizados ao longo da vida possam servir de pontos de referência cognitiva, moldando nossa compreensão e produção metafórica, a metáfora é mais do que mera instanciação linguística de mapeamentos prontos. Ela é, acima de tudo, um processo dinâmico em constante mudança, decorrente tanto de fatores cognitivos, socioculturalmente situados como também de fatores linguísticos que se imbricam e se complementam.

Nessa perspectiva, Cameron (2007) acredita que uma compreensão adequada da metáfora precisa levar em consideração seu uso dialógico. A metáfora é, segundo esta perspectiva, vista como emergência complexa e não como instanciação de uma competência fixa e preexistente. Nas interações face a face, o fluxo discursivo ocorre como um processo que envolve o pensar-falar como processo dinâmico que requer a inseparabilidade entre pensamento e linguagem. Tal processo requer a interpretação por parte dos participantes da interação discursiva da palavra do outro e os necessários ajustes a partir dessa interpretação à medida que intenções e emoções evoluem no fluxo do discurso. (CAMERON, 2003). Em tais situações de trocas e negociações de sentidos, o tipo de evento discursivo poderá influenciar a forma linguística utilizada, o que poderá, por sua vez, influenciar os modos como ideias são descritas. Atitudes, crenças e valores, pautados por fatores de ordem cognitiva, socioculturalmente situados, influenciarão os modos como as pessoas utilizam a linguagem figurada para falarem a respeito do tópico em pauta.

Em tais situações é comum as pessoas recorrerem a metáforas linguísticas, ou seja, utilizarem termos e expressões linguísticas que funcionam como veículos metafóricos ou metonímicos na expressão de suas ideias. Uma metáfora linguística é um termo ou expressão utilizado com valor metafórico ou metonímico. A palavra (termo ou expressão) congrega um sentido incongruente com seu sentido mais básico ou experencial. Por exemplo, nos nossos dados, os participantes dos dois

grupos focais ao falarem sobre limitações que o alto índice de violência urbana impõe sobre suas vidas, usaram expressões tais como “toque de recolher”, “ficar preso”, “se fechar”, “se trancar”, “se privar”, “se prender”, “cárcere privado”. Tais expressões funcionam como veículos-metafóricos (metáforas linguísticas) que participam na emergência da metáfora sistemática *O MEDO COMO RESPOSTA À VIOLÊNCIA É UMA FORMA DE APRISIONAMENTO*.

Como emergência de natureza afetiva, a metáfora desempenha um papel importante na expressão de sentimentos e emoções. Por exemplo, quando ao se referir ao modo como a violência contagia as pessoas e as debilita, um dos membros de um dos grupos focais se refere à sociedade como estando “doente” devido à prevalente violência, certamente, tal qualificação imprime força ao sentimento de frustração e revolta expressos por tal participante.

Finalmente, podemos pensar a metáfora como uma emergência de natureza sociocultural. Uma metáfora que é facilmente compreendida numa dada sociedade devido a conjunturas de ordem política e social, não será necessariamente, relevante em outro contexto sociocultural. Numa sociedade assolada pela violência tal como a sociedade brasileira, a metáfora poderá ser descrita como “um câncer no seio da sociedade”, ou “doença contagiosa”, quando as pessoas se engajam para falar da violência urbana, por exemplo. Numa sociedade na qual a violência é algo mantido em níveis baixos, tais expressões, muito provavelmente, não emergiriam no discurso.

3 CONTEXTUALIZANDO A PESQUISA

Antes de nos reportarmos às análises qualitativas dos dados assim como do método empregado em tais análises, faz-se necessário contextualizarmos brevemente o escopo da pesquisa e alguns dos objetivos que nos propusemos alcançar.

O projeto integrado internacional que deu origem à presente pesquisa intitula-se *Convivendo com a incerteza: metáfora e a dinâmica da empatia no discurso*. Este projeto coordenado por Lynne Cameron da Open University, Milton Keynes, Reino Unido, abrigou vários subprojetos dentre os quais o projeto que se realizou no Brasil, intitulado *Convivendo com a incerteza: metáfora e a constante ameaça de violência urbana no Brasil*, coordenado pela primeira autora do presente capítulo.

O projeto no Reino Unido pesquisou os efeitos dos atos terroristas sobre o dia-a-dia das pessoas, seus sentimentos e emoções, bem como sua disposição quanto a se transportarem para o mundo do Outro por procurarem desenvolver atitudes empáticas em relação a seus agressores e como tais atitudes emergiam em seus discursos. Já o projeto brasileiro buscou entender como as pessoas conceptualizam a violência prevalente em centros urbanos, especificamente em Fortaleza-Ceará-Brasil, local onde reunimos dois grupos focais formados por estudantes universitários que interagiram face a face ao discutirem sobre o tema da violência, em especial, a violência urbana.

As questões de pesquisa que nos nortearam foram as seguintes:

- (a) Como os participantes dos grupos focais constroem o Outro nos seus discursos?
- (b) Como se relacionam com o Outro?
- (c) Como utilizam a metáfora para se relacionar com o Outro?
- (d) Como o categorizam?
- (e) Como a mídia influencia o discurso das pessoas a respeito da violência?

Além das questões específicas elencadas acima, estávamos também interessadas em entender melhor como as pessoas convivem com os riscos impostos pela violência e que limitações tais riscos impõem às suas rotinas.

Devido a limitações de espaço, apresentaremos alguns resultados preliminares, especificamente, relativos à questão (e), antes, porém, expomos na seção seguinte, os procedimentos metodológicos da pesquisa.

4 MÉTODO

Os dados para análise foram reunidos a partir das falas dos participantes de dois grupos focais compostos por alunos de três instituições de ensino superior (duas particulares e uma pública) da cidade de Fortaleza-Ceará-Brasil. Os grupos eram formados por voluntários na faixa etária entre 16 e 43 anos que interagiram face a face por aproximadamente 90 minutos. Durante a interação, os participantes discutiram livremente, questões pertinentes ao tema da pesquisa. A discussão girou em torno de questões tais como: “Quando você ouve o termo violência, qual é a primeira coisa que lhe vem à mente?”, “Na sua opinião, quais têm sido os efeitos da ameaça de violência urbana nas pessoas? (ou, na sociedade?)”, “Você acha que há

alguma maneira dessa ameaça estar sendo exagerada, fantasiada, pela mídia, pelo governo?” Tais questões foram lançadas por um moderador que entrevistou o mínimo possível, limitando-se apenas a evitar que se perdesse o foco da discussão⁸.

Para respondermos as questões de pesquisa elencadas na seção anterior, as interações verbais dos participantes foram gravadas e filmadas. Para transcrição e codificação das falas, nos pautamos pela proposta metodológica de Cameron et. al. (2009). Os passos seguidos foram os seguintes: as falas foram quebradas em unidades entonacionais simplificadas (UES), conforme finalizações e pausas. Assim, indicamos micropausas mínimas com dois pontos (.), e aquelas um pouco mais longas com três pontos (...). Pausas mais longas do que um segundo foram indicadas com o número aproximado de segundos entre parênteses, por exemplo (2.0) para uma pausa de aproximadamente dois segundos (Cf. CAMERON; MASLEN, 2010, p. 101).

Após realizadas as transcrições, elas foram alimentadas no Atlas.ti, um programa computacional que permite a organização e codificação de dados na implementação de análises qualitativas. Pela utilização do Atlas.ti, identificamos e codificamos tópicos discursivos (TDs), Veículos Metafóricos (VMets) e Metonímias (Metons).

Instanciações de discurso quase reportado (*quasi-reported speech*), que acontecem quando um falante adota a voz de alguma outra pessoa ou organização, foram transcritos entre colchetes <Q...Q>. O símbolo <X...X> foi utilizado para representar um trecho de fala considerado indecifrável. Linhas de fala, correspondendo a uma unidade entonacional, foram numeradas para facilitar a localização de informações importantes. Cada página de discurso transcrito foi identificada com informações sobre o grupo envolvido. Por exemplo: número de pessoas presentes, faixa etária dos participantes, filiação acadêmica e data da interação⁹.

Os dados transcritos formaram três arquivos assim identificados: P1 e P2 que continham os dados reunidos a partir da interação do primeiro grupo focal (GF1) e P3 que continha os dados do segundo grupo focal (GF2).

A leitura completa das transcrições e a identificação dos TDs possibilitaram o entendimento da estrutura do evento discursivo. A análise do tipo de linguagem produzida pelos participantes e a identificação de MetVs e Metons, possibilitou a posterior identificação de metáforas sistemáticas (MetSis).

Após a realização das várias etapas descritas acima, as transcrições codificadas preliminarmente foram submetidas a uma verificação de confiabilidade, conforme segue:

- 10% do total de dados codificados foram verificados por outra pesquisadora;
- Os resultados do exame dos dados pela outra pesquisadora foram comparados e desacordos foram discutidos;
- Uma vez que um acordo foi alcançado para possíveis diferenças de opinião, decisões foram registradas para aplicação no restante do trabalho.

Na seção a seguir, analisamos alguns excertos relevantes que apontam para alguns dos efeitos comunicativos que a banalização da violência pela mídia, parece exercer sobre as falas dos participantes, alterando suas rotinas e moldando suas atitudes e modos de se relacionar com o Outro.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

A análise do discurso dos participantes dos dois grupos focais a partir dos tópicos discursivos, veículos-metafóricos e metonímicos presentes em suas falas, nos permitem propor a emergência de quatro metáforas sistemáticas – *VIOLÊNCIA É UM PRODUTO MANUFATURADO PELA MÍDIA*; *VIOLÊNCIA É UMA FORÇA INIBIDORA*; *O MEDO COMO RESPOSTA À VIOLÊNCIA É UMA FORMA DE APRISIONAMENTO* e *VIOLÊNCIA É DOENÇA CONTAGIOSA QUE SE ESPALHA*.

A seguir, apresentaremos alguns excertos que nos permitem identificar a presença da primeira das metáforas elencadas acima.

(1) *VIOLÊNCIA É UM PRODUTO MANUFATURADO PELA MÍDIA*

A metáfora (1) emerge nas falas de três dos participantes nos dois grupos focais. Tal metáfora instaura-se a partir do fato de que a violência é banalizada pela mídia que a transforma, assim, em produto a ser consumido. Como produto manufaturado pela mídia, é capaz de afetar a maneira como é percebida pelas pessoas em geral, agravando, dessa forma, o sentimento de insegurança. A banalização leva a um processo de sensacionalização da violência. Tal efeito pode ser identificado nos excertos abaixo.

(P1: 33-40; 43-47; 59-65) (Ana)¹⁰

33. Eu vejo assim é,

34. ..*aquilo* que..., *o que que a televisão transmite hoje em dia,*

35. ...A TV tá na casa de todas as pessoas,
 36. ...então eu vejo assim,
 37. ...que *you* aprende na TV como fazer um assalto,
 38. ..*you* aprende como fazer uma bomba,
 39. ..*you* vê
 40. ...que o *assaltante* ele se sente bem *por estar na mídia*, né,

43. ..então eu vejo que é,
 44. ..valores que eu antigamente existiam,
 45. ...que a pessoa tinha pelo menos aquela questão,
 46. ..que eu tenho *uma família*
 47. eu tenho *um nome a zelar*

59. aaa(2) eu vejo assim o *que causa isso na*,
 60. ..*mente da pessoa* então coisa que antigamente,
 61. ...*eram erradas*
 62. coisa que de repente pros seus valores não eram corretas
 63. *de tanto você vê na TV*
 64. passa a ser corriqueiro,
 65. .. passa a ser *normal* então *não tem problema de repente você roubar*

“Aquila” em (“*aquilo [...] que a televisão transmite*”) (P1: 34), se refere a tudo o que é transmitido em termos de notícias, informações produzidas por diversos programas de televisão. O comentário de Ana “[...] *you* aprende na TV” (P1: 37), torna claro que a violência não é apenas algo que é transmitido, mas que é, de fato, aprendido. Ela reforça este fato em P1: 38, quando diz: “[...] *you* aprende como fazer uma bomba”. Este processo de aprendizagem se manifesta em P1: 59-60, como “a causa” da mudança “na mente da pessoa”, o que, a seu turno, pela frequência ou intensidade da “transmissão” de notícias sobre violência, promove uma inversão de valores. Assim, “coisa que antigamente eram erradas ...de tanto que *you* ver na TV passa a ser corriqueiro ..passa a ser normal “ (P1: 60-64). Entendemos que “ver na TV” corresponde à metáfora VER É APRENDER derivada da metáfora conceptual VER É COMPREENDER, contudo, a exposição intensa à violência disseminada pela mídia, causa uma mudança não somente nas mentes das pessoas, tal processo de mudança vai mais longe, para além do processo de

aprendizagem. Assim, a participante expressa a banalização da violência por afirmar que o “errado” (P1: 61) “se torna rotina” (P1: 64) e roubar “passa a ser normal” (P1: 65).

É interessante notar que no seu discurso, a participante não somente inclui a violência na mídia, mas, também, os agentes de violência que são estereotipados e metonimicamente representados pelo “ladrão” que se sente bem por estar na mídia, conforme expresso em P1: 40.

(P1: 84 – 91) (Celso)

84. só adicionando mais ao que a Ana,
85. ...ao comentário que ela fez,
86. ...a questão da mídia eu acho que ela fabrica,
87. ..a violência ela vai distinguir,
88. ..quando a gente sai de casa o,
89. ..que vem na mente é assim,
90. ..é medo perseguição,
91. ..certo enfim a inversão de valores como foi explicado pela Ana,

Celso, no curso da interação discursiva, contribui para o tópico em foco por concordar com a opinião da primeira participante (Ana). Ele torna ainda mais explícita a ideia de que o que a televisão transmite é um PRODUTO. A televisão, como meio de comunicação, “fabrica a violência”. (P1: 86). Ademais, ele reforça a inversão de valores, já aludida por Ana, em P1: 91). Segundo destacado por Celso, a excessiva quantidade de notícias ou de informações com foco na violência, gera temor nas mentes das pessoas. Conforme ele afirma em P1: 89-90, “...o que vem na mente” “...é medo perseguição¹¹”.

(P3:121-135) (Mateus)

121. ...então são coisas que são difundidas
122. *da hora que você liga a televisão de manhã*
123. .. *ao último* programa que você vai assistir
124. seja novela,
125. seja
126. ..qualquer coisa
127. a gente
128. ... nós comemos, vivemos e bebemos violência.

129. .. Do meu ponto de vista,
 130. ... é até utópico,
 131. é que *a violência não está tão agravada*
 132. .. quanto
 133. ... se pensa que ela está,
 134. ela é *mais difundida*
 135. *do que realizada*

O tópico em pauta (banalização da violência pela mídia) é elaborado ainda mais por Mateus, um dos participantes do segundo grupo. Em P3: 122-123, ele reforça o ponto de vista de que a violência é disseminada intensamente,... “[...] da hora que você liga a televisão de manhã” “..ao último programa”. Tal intensidade na disseminação de notícias a respeito de violência é metaforicamente marcada em P3: 128, com a afirmação “...nós comemos, vivemos e bebemos violência”.

O processo de aprendizagem mencionado anteriormente alcança, dessa forma, na dinâmica discursiva, um conceito de um PRODUTO QUE É CONSUMIDO. Este participante sugere, adicionalmente, que a mídia não apenas dissemina um produto, mas, o cria. Ele afirma, assim, que “[...] a violência não está tão agravada (P3: 131), “ela é mais difundida (P3: 134), “do que realizada (P3: 135)

Ana Livia, a próxima participante do segundo grupo, a contribuir para a emergência da metáfora da violência como produto, desenvolve as ideias dos participantes anteriores por concordar com a intensidade com que a mídia, metonimicamente uma PESSOA, dissemina seu PRODUTO. Em P3: 208-209, ela afirma: “[...] a mídia faz questão [...] de que esteja *cada vez mais presente*”.

(P3: 206-210, 216-242) (Ana Livia)

206. então assim, a violência,
 207. .. ela tá presente
 208. e eu vejo que a mídia,
 209. ela que faz questão de ela esteja *cada vez mais presente*
 210. na vida de todo mundo.

A participante destaca a frequência com que tal PRODUTO é apresentado em programas de TV diariamente, em horários convenientes à sua exposição e CONSUMO. (P3: 218-224).

A questão da banalização é claramente resumida em (P3: 232), com a expressão “banal” à qual se segue um exemplo prototípico da exposição exacerbada a um ato violento, tal como a morte, em P3: 233-234, “as pessoas tão ali”, “tá o cadáver estendido”. Tal banalização é ilustrada pelo fato de que as pessoas que estão na cena do crime que está sendo televisionado estão dando tchau para os telespectadores “[...] aí fica o pessoal fazendo, ..dando tchau”. (P3: 235-237).

Assim como destacado em P3: 239-242, tais fatos se tornam parte da normalidade: “..é como se virasse *algo normal* pra eles, *a pessoa não ...se espanta mais com aquilo*.” Embora a referência seja às pessoas na cena do crime, a mudança nos valores morais indiretamente se aplica aos telespectadores em geral. Ou seja, a participante reafirma a mudança nos valores promovida pela mídia, entre o “certo” e o “errado”, ou entre coisas que não deveriam ser “normais”, mas, que acabam sendo consideradas normais devido à banalização.

-
216. E trazendo aqui pro Ceará, né
 217. a gente vê que os programas que falam sobre violência,
 218. qual é o horário deles?
 219. São *bem na hora* do almoço,
 220. .. que é no horário que *você chega*
 221. ou *chega do trabalho*
 222. ou então *vai parar pra ligar a televisão*
 223. e as pessoas não se importam de tá comendo
 224. .. e tá assistindo programas
 225. que
 226. .. não dá pra passar a imagem,
 227. mas você vê que eles
 228. desfocam a câmera
 229. e acaba aparecendo.
 230. Pra população é um pouco,
 231. já ficou a questão do
 232. .. do *banal*
 233. porque *as pessoas tão ali*,
 234. tá o *cadáver estendido*,
 235. aí fica o pessoal fazendo,

236. .. dando tchau,
237. fica um monte de menino pulando,
238. então,
239. .. é como se virasse
240. *algo normal* pra eles,
241. *a pessoa não*
242. *...se espanta mais com aquilo.*

Em síntese, a mídia cria um produto que é consumido e tem o efeito de mudar os valores das pessoas com respeito à severidade do fenômeno da violência, em geral, agravando seus sentimentos de insegurança. O processo de banalização da violência passa pela sua sensacionalização assim como qualquer produto que é tipicamente comercializado. As interações dos participantes mostram que a metáfora sistemática é incorporada aos discursos de Ana e Celso, participantes do grupo focal 1 e Mateus e Ana Lívia, participantes do grupo focal 2.

6 CONCLUSÕES

Nesse capítulo apresentamos, com base nos pressupostos teóricos e metodológicos que embasaram nossa pesquisa sobre violência em centros urbanos brasileiros, algumas considerações a respeito de uma visão integradora da metáfora como um fenômeno complexo e dinâmico que congrega fatores corpóreos e socioculturais para emergir. Nosso objetivo mais específico, foi o de mostrar como a banalização da violência pela mídia, influencia a linguagem e o discurso dos participantes de dois grupos focais ao conversarem sobre violência urbana em Fortaleza-Ceará-Brasil. A análise qualitativa das falas, segundo a proposta da Análise do discurso à luz da metáfora (CAMERON Et. al. 2009), possibilitou a identificação de quatro metáforas sistemáticas. Dentre estas, a análise da progressão de veículos-metafóricos e metonímicos emergentes nas falas de quatro participantes nos permitiu identificar e aqui expor, a metáfora *VIOLÊNCIA É UM PRODUTO MANUFATURADO PELA MÍDIA*. A análise do fluxo discursivo desses participantes nos permite afirmar que a banalização da violência pela mídia a transforma em produto a ser consumido. Assim, a exacerbada exposição à violência pela mídia é capaz de mudar valores e influir no comportamento das pessoas com respeito à seriedade do fenômeno e a suas atitudes em relação ao Outro.

NOTAS

¹ Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará. Email: pelosi@ufc.br

² Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade da Universidade de Caxias do Sul e Programa de Doutorado em Letras AA-UCS/UniRitter. Email: helocogn@terra.com.br

³ Faculty of Education and Language Studies of the Open University, Milton Keynes, U.K. Email: l.j.Cameron@Open.ac.uk

⁴ A análise de parte do *corpus*, aqui relatada, é parte das análises que aparecem publicadas no artigo de Pelosi, Feltes e Cameron, 2014, (no prelo).

⁵ Segundo Cameron et al. (2009, p. 27), a metáfora sistemática é “a coleção dinâmica de metáforas linguísticas conectadas, uma trajetória de uma metáfora à próxima ao longo da dinâmica da fala”. Dessa forma, a metáfora sistemática emerge a partir da dinâmica discursiva. Ela não se assemelha às chamadas metáforas conceptuais, visto que não se constitui como um mapeamento mental entre domínios conceituais. É, antes, configurada a partir do uso sistemático pelos participantes da interação verbal, de metáforas conectadas, constituindo-se como uma trajetória ou traço norteador do fluxo de suas falas.

⁶ *Affordances*, traduzido aqui por possibilidades, é um termo originário da psicologia ecológica de Gibson (1976) que entende a percepção como uma emergência instaurada a partir de interações potenciais entre organismo e mundo.

⁷ Evento discursivo é aqui entendido como o período de tempo em que os participantes interagem ativamente na discussão promovida a respeito de um dado tema. Por exemplo, na pesquisa aqui relatada, há dois eventos discursivos em pauta. Ou seja, as ocasiões em que os membros dos grupos focais se reuniram para falar a respeito de violência urbana.

⁸ A lista de perguntas foi traduzida e adaptada de um guia chamado em inglês PCTR, sigla para *Perception and Communication of Terrorist Risk*. O PCTR foi elaborado como parte de um projeto de pesquisa coordenado por Lynne Cameron e patrocinado pelo *Economic and Social Research* (Conselho de Pesquisa Social e Econômica) da Inglaterra, de 2005 a 2007. O projeto, parte da chamada *New Security Challenges*, tinha como objetivo principal investigar como as pessoas percebem o risco de terrorismo e as consequências para a comunicação de situações oficiais de risco. Como o tópico, no caso da pesquisa na Inglaterra era o terrorismo, o guia de perguntas precisou ser traduzido e adaptado ao tópico pesquisado no Brasil: violência urbana.

⁹ Para uma explicação completa do procedimento metodológico, o leitor é encorajado a conferir as seguintes obras elencadas nas referências do presente capítulo: Cameron et. al. (2009); Cameron; Maslen (2010).

¹⁰ Para preservar o anonimato, os nomes dos participantes foram trocados.

¹¹ A alusão ao medo e à perseguição é discutida na análise da metáfora sistemática *O MEDO COMO RESPOSTA À VIOLÊNCIA É UMA FORMA DE APRISIONAMENTO* incluída no artigo *Urban violence in Brazil and the role of the media: communicative effects of systematic metaphors in discourse*, aceito para publicação na revista *Metaphor and the social world*, publicada pela John Benjamins.

THE INFLUENCE OF THE MEDIA IN THE DISCOURSE OF URBAN VIOLENCE VICTIMS IN FORTALEZA-CEARA-BRAZIL

ABSTRACT

Under the light of metaphor-led discourse analysis, partial results of analysis about the influence that the media seems to exert in the talk of urban violence victims in Fortaleza-Ceara-Brazil are presented. We understand metaphor as a dynamic complex emergence capable of expressing participants' feelings, values, beliefs and attitudes as they talk about how their routines have changed in view of the prevalent state of violence. Under this view, we analyze the recurrence of metaphor and metonymic vehicles present in some corpus excerpts that allow us to propose the emergence of the systematic metaphor *VIOLENCE IS A PRODUCT MANUFACTURED BY THE MEDIA*.

Keywords: Discourse. Metaphor. Violence.

REFERÊNCIAS

- CAMERON, L. *Metaphor in educational discourse*. London: Continuum, 2003.
- CAMERON, L. Confrontation or complementarity: metaphor in language use and cognitive metaphor theory. *Annual Review of Cognitive Linguistics*, v. 5, n. 1, p. 107-135, 2007.
- CAMERON, L. et al. The discourse dynamics approach to metaphor and metaphor-led discourse analysis. *Metaphor and Symbol*, v. 24, n. 2, p. 63-89, 2009.
- CAMERON, L.; MASLEN, R. *Metaphor analysis: research practice in applied linguistics, social sciences and the humanities*. London: Equinox, 2010.
- GIBBS, R. *Embodiment and cognitive science*. New York: Cambridge University Press, 2006.
- GIBBS, R.; CAMERON, L. The social cognitive dynamics of metaphor performance. *Journal of Cognitive Systems Research*, v. 9, n. 1-2, p. 64-75, 2007.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Philosophy in the flesh*. New York: Basic Books, 1999.

LARSEN-FREEMAN, D.; CAMERON, L. *Complex systems and applied linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

PELOSI, A.; FELTES, H. P. de M.; CAMERON, L. Urban violence in Brazil and the role of the media: communicative effects of systematic metaphors in discourse. *Metaphor and the Social World*, v. 4:1, 2014 (no prelo).